

A Imaginação em Spinoza e os 'diálogos' com o inconsciente – A depressão e seus aspectos difusos

*The Imagination in Spinoza and the 'dialogues' with the
unconscious – Depression and its diffuse aspects*

*Qualquer coisa pode ser, por acidente,
causa de alegria, de tristeza ou de desejo.*
Spinoza

Irlan Farias

Mestrando / Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGF/IFCS

RESUMO: A *imaginação* em Spinoza é um gênero de conhecimento como também causa das ideias falsas e inadequadas. Essa dupla capacidade que a imaginação tem de conhecer e forjar a si mesma faz dela um conceito múltiplo e complexo tendo em vista que, imaginar, por si só, não significa necessariamente 'conhecer', tampouco 'fantasiar'. Se ela, por assim dizer, não oferece critérios para a distinção entre 'ideia verdadeira' e 'ideia falsa', 'ideia adequada' e 'ideia inadequada', de outro modo, a atividade imaginativa conteria subjacente nela mesma as causas que explicariam suas funções antitéticas. Neste ínterim, apresentaremos a discussão sobre o tema da imaginação a partir das possíveis injunções metafísicas (e criações idealizadas) que ajudariam a enraizar os sintomas do paciente com depressão, dificultando sua recuperação.

PALAVRAS-CHAVE: SPINOZA; IMAGINAÇÃO; IMANÊNCIA; LACAN, PSICANÁLISE; DEPRESSÃO.

ABSTRACT: The Imagination in Spinoza is a genre of knowledge as well as the cause of false and inadequate ideas. This dual capacity that the imagination has to know and forge itself makes it a multiple and complex concept with a view that, in itself, imagining does not necessarily mean 'to know', nor 'to fantasize'. If she so says does not offer criteria for the distinction between 'true idea' and 'false idea', 'adequate idea' and 'inadequate idea', otherwise, the imaginative activity would contain underlie in itself the causes that would explain their antithetical functions. In the meantime we will present the discussion on the subject of the imagination from the possible metaphysical injunctions (and idealized creations) that would help to root the patient's symptoms with depression, making it difficult to recover.

KEY-WORDS: SPINOZA; IMAGINATION; IMMANENCY; LACAN; PSYCHOANALYSIS; DEPRESSION.

1 – Introdução: as duas abordagens da *imaginação* em Spinoza

O tema da ‘imaginação’ em Spinoza se desdobra em dois momentos: o primeiro, enquanto *associação de imagens* (no TIE¹ e na Ética² 2ª parte, até a proposição 40) e o segundo como *primeiro gênero do conhecimento* (na Ética 2ª parte, após a proposição 40 em diante). Na Ética, até a proposição 40, Spinoza explica como se dá a apreensão da realidade. O ‘conhecimento por experiência vaga’ é quando o indivíduo toma suas próprias experiências como modelo universal, no que o filósofo chamou *associação de imagens* – não dando margem para que outras possibilidades se encaixem na cena. A partir dessa premissa, sendo o raciocínio uma organização de imagens, é a imaginação quem determina o fim. Na proposição 18 da 2ª parte da Ética (A natureza e a origem da mente) ele nos diz:

“Um romano passará imediatamente do pensamento da palavra *pomum* [maçã] para o pensamento de uma fruta, a qual não tem qualquer semelhança com o som assim articulado, nem qualquer coisa de comum com ele a não ser que o corpo desse homem foi, muitas vezes, afetado por essas duas coisas, isto é, esse homem ouviu, muitas vezes, a palavra *pomum*, ao mesmo tempo que via essa fruta. E, assim, cada um passará de um pensamento a outro, dependendo de como o hábito tiver ordenado, em seu corpo, as imagens das coisas” (SPINOZA, 2018, p.70).

Neste exemplo da maçã vemos claramente a associação de imagens relacionada ao corpo afetado por suas recordações. Mais adiante ele usará o clássico exemplo da ‘marca da pegada do cavalo’, onde aquilo que foi visto é atribuído valor/sentido a partir da experiência anterior de quem viu. Portanto, nesta primeira acepção (a imaginação por associação de imagens), atribui-se valor à imagem vista a partir das experiências anteriores de quem a viu. Desta forma, a partir deste raciocínio já inteiramente em desuso, pode-se dizer que

¹ A sigla “TIE” refere-se ao original em latim *Tractatus de Intellectus Emendatione*.

² SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. [Trad. Tomaz Tadeu] – 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

conhecemos muito mais a natureza da marca em nós do que as marcas presentes no outro. Entretanto, Spinoza prossegue:

“Um soldado, por exemplo, ao ver os rastros de um cavalo sobre a areia, passará imediatamente do pensamento do cavalo para o pensamento do cavaleiro e, depois, para o pensamento da guerra, etc. Já um agricultor passará do pensamento do cavalo para o pensamento do arado, do campo, etc. E, assim, cada um, dependendo de como se habituou a unir e a concatenar as imagens das coisas, passará de um certo pensamento a este ou àquele outro” (SPINOZA, 2018, p.70).

No exemplo da ‘marca da pegada do cavalo’ de imediato a mente associa a imagem vista àquilo que foi vivido anteriormente. A experiência do ‘falso positivo’, usualmente presente em diagnósticos médicos falhos, sugere uma coisa quando na verdade é outra, com consequências de toda ordem.

Podemos ser traídos por uma certeza imaginativa (como nos casos das avaliações médicas errôneas, onde diferentes patologias têm os mesmos sinais e sintomas induzindo o médico ao erro) se não considerarmos que tal imaginação pode, ou não, ser verídica. É preciso dar à visão do acontecimento (ou do diagnóstico) o benefício da dúvida, caso contrário, pode-se cair do cavalo. Cravar como verdade aquilo que se vê a algo relacionado à própria experiência vivida é o que Spinoza vai chamar de *associação de imagens*.

Então, se o lavrador que avistou a marca do cavalo na areia *imagina* que ela tenha sido feita por um cavalo de arado (e não um cavalo de batalha, caso ele fosse um soldado), pode-se dizer que ele faz tal associação *inconscientemente*. Um pensamento leva a outro por encadeamentos pertencentes à história do indivíduo, no que Lacan chamará de *cadeia de significantes*.³

³ Para Ferdinand Saussure o signo linguístico é composto por uma unidade de *significante* e *significado*, enquanto Jacques Lacan rompe com essa unidade ao afirmar que o signo é composto por uma ininterrupta ligação entre significantes (um remetendo a outro infinitamente) enquanto o significado estaria *recalcado*, preso nas malhas do inconsciente. DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

Portanto, a maneira de conhecer o objeto (a imagem avistada) é através da marca que ele fez na pessoa. E se há marca, há afeto presente. Seguindo, então, o modelo do 'falso positivo' é a partir da 'experiência do corpo marcado' que o indivíduo vai julgar conhecer o objeto avistado. A imaginação a partir desse escopo assume um lugar soberano e determinante ao indivíduo que associa a imagem vista com a sua experiência anterior. Então, o que vai definir a 'marca da pegada do cavalo' é a *ideia espontânea* que surge em sua mente. De imediato ele é lançado à experiência do corpo marcado e tende a não aceitar outra interpretação da realidade senão aquela que foi experienciada.

Em termos psicanalíticos podemos tecer outro breve paralelo desse fenômeno spinoziano (associação de imagens) com os conceitos freudianos de 'condensação' e 'deslocamento' lidos sob a ótica lacaniana⁴.

Os participantes de uma cadeia associativa (cadeia de significantes), em que pese os conteúdos latentes vindos à tona (lembrados), chamado anteriormente de 'ideia espontânea', manifestam-se na consciência como efeito (resultado) de experiências íntimas vividas pelo indivíduo. As analogias dos pontos em comum (da imagem da pegada do cavalo) são condensadas na experiência que lhe for marcante.

Neste ínterim é a imaginação quem determina o fim. O raciocínio traçado a partir dessa premissa é uma organização de imagens baseadas nas experiências vividas, onde, para Spinoza, a consciência é sempre um *a posteriori* de um afeto (e de um pensamento), sendo, portanto, indissociáveis.

Baseado nessa premissa, talvez possamos afirmar que a *imaginação* é um processo mental conduzido em grande escala pelo

⁴ Para Lacan, o inconsciente é estruturado como linguagem, portanto, as leis que determinam a combinatória de significantes são as leis da linguagem através de processos metafóricos e metonímicos. Lacan aproxima os conceitos freudianos de *condensação* à metáfora e *deslocamento* à metonímia. A metáfora seria uma substituição significante que produz um sentido (não um significado), um efeito inesperado. Já a metonímia indica uma relação de contiguidade, ou seja, de elementos presentes na cena com algum tipo de vizinhança, tal qual a *marca da pegada do cavalo* para um soldado que associa como sendo a de cavalo de batalha, aliados ou "inimigos", a depender de onde sua imaginação o levar. (Idem).

inconsciente. Desta feita, conhecemos muito mais a natureza da marca em nós do que as marcas presentes no outro.

Portanto, tudo aquilo que nos afeta, só nos afeta pela proximidade/similitude com aquilo que nos é próximo, íntimo, inscrito em nossa ‘memória da pele’⁵, familiar, e, do mesmo modo, temos como tendência mantermo-nos a uma devida distância, intangíveis, inalcançáveis ante a experiência alheia, simplesmente porque, em geral, o que não nos afeta não nos diz respeito.

A imaginação, nesta primeira tomada, está toda relacionada a interação do indivíduo com o objeto em questão. Conhecer o objeto, portanto, é ser afetado por ele.

Entretanto, Spinoza viria a nomear no *Tratado da Reforma do Intelecto* (TIE) essa imaginação como sendo ‘conhecimento falso’ e ‘erro da mente’ (autoengano). Ideia falsa e erro da mente seriam ‘conhecimentos por experiências vagas’, que é uma generalização a partir da sua própria experiência.

‘Argumentos de autoridade’ ou falar do que não se sabe só para fazer eco a autoridade defensora de uma ideia é como assinar um cheque em branco e acreditar cegamente na idoneidade (ou na palavra) do recebedor.

Junto a estes equívocos temos também a ‘doxa’, qual seja, a opinião do senso comum a quem tudo crê ser verdadeira, sobretudo em tempos onde vale mais a pressa em propagar informações sem checagens do que averiguá-las com a bússola do rigor voltada para os fatos verdadeiros.⁶

⁵ Alusão à canção de João Bosco (com letra de Waly Salomão) *Memória da Pele* em que o poeta versa sobre lembranças de um *corpo marcado* (amor) da qual não se tem como fugir: *Eu já esqueci você / Tento crer /Nesses lábios que meus lábios sugam de prazer (...)/ Seu nome, sua cara, seu jeito, seu odor (...)/ Eu sei, eu sei / Bate é na memória da minha pele /Bate é no sangue que bombeia / Na minha veia.* Na mesma esteira, vale lembrar da emblemática fala de Paul Valéry: “O mais profundo é a pele” com a qual Gilles Deleuze se utiliza para falar das superfícies em seu livro *Lógica do Sentido*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000 (p.106).

⁶ O que assistimos do ponto de vista político nas eleições presidenciais do Brasil de 2018 (a partir da infestação sintomática de mensagens inverídicas (fake news) propagadas como reais levando a extrema direita ao poder) vai ao encontro desse modelo *automático* de ‘ideia falsa’ e ‘erro da mente’ como associação de imagens – oportunistas. Tudo disseminado na velocidade digital tão rápido quanto as sinapses entre os neurônios ou as injunções inconscientes que remetem à história de vida do indivíduo. Não há barra de recalque que consiga conter a velocidade da propagação de

A partir da proposição 40, na *Ética*, Spinoza vai dizer que o conhecimento que consiste em reconhecer e elaborar as noções do comum chama-se ‘razão’. Neste sentido a razão é uma organização de imagens. Cabe avançar e tentar compreender o que é ‘propriedade comum’.

Em Spinoza, *compreender*, é a chave de muitas portas em seus pensamentos. Vejamos. A ‘associação de imagens’ não se daria apenas a partir da experiência própria do indivíduo, mas também pela percepção do comum que Spinoza vai caracterizar como *razão*.

Então é a razão quem irá preencher as lacunas que a experiência própria deixa ao indivíduo. Neste momento, quando a razão entra em cena, um novo e decisivo componente de associação de imagens se faz presente, colocando o ‘argumento de autoridade’, a ‘experiência vaga’ e o ‘autoengano’ a reboque da razoabilidade, por assim dizer. Estamos falando, portanto, da imaginação como primeiro gênero do conhecimento.

Pode-se dizer que em muitas situações práticas não é necessário ‘pagar para ver’, ou seja, duvidar que uma inevitável fatalidade possa ocorrer se determinada escolha for feita. É a partir da associação de imagens que a razão faz recuar aquele que for confrontado ao limite (mentalmente). Não precisamos duvidar que, se nos jogarmos do alto de um prédio, dificilmente conseguiremos sobreviver.

É a razão quem nos fornece o limite para as nossas escolhas. E para se aperceber do limite não se faz necessário experimentar o *erro fatal* (decerto não terá uma segunda oportunidade para consertá-lo). A simples associação de imagens é o suficiente para a razão oferecer ao sujeito as respostas de que precisa e tomar as decisões em direção a sua autopreservação.

Spinoza, portanto, oferece uma dupla caracterização da imaginação em que a atividade é tanto origem do erro quanto instrumento para o conhecimento e a experiência da liberdade a partir da potência do intelecto (*razão*).

conteúdos falsificados tendo em vista que a própria vida real se tornou uma espécie de “FAKE it’s the NEW REAL”. Neste sentido, vale aprofundar o conceito nietzschiano de “a potência do falso” trabalhado magistralmente por Orson Welles no filme chamado “F for Fake”, de 1973.

2 – A depressão e a imaginação: seus aspectos difusos

Para tornar um assunto tão minucioso algo minimamente palatável, vamos pinçar da nosologia psiquiátrica da depressão breves aspectos relevantes a este trabalho, cujo tema-matriz é o conceito de imaginação em Spinoza. O termo *depressão* é geralmente empregado tanto para um estado afetivo (tristeza, melancolia), quanto um sintoma, uma síndrome ou em associação com várias doenças clínicas cujos quadros costumam se agravar a partir do subdiagnóstico e subtratamento da depressão no contexto médico⁷.

Ainda que não mais recorrente na literatura médica, correndo riscos de posições reducionistas acerca das etiologias do adoecimento, optamos em usar os termos *endógeno* e *exógeno* para uma compreensão didática mais facilitada sobre os sinais e sintomas dos quadros depressivos.

A depressão endógena, a chamada depressão biológica, é assim conhecida por conter elementos constitutivos da própria pessoa que independe de sua situação vivencial, mas, sim de sua estrutura de personalidade, sua predisposição hereditária, em suma, de sua constituição bioquímica. É possível verificar uma queda acentuada nos níveis de serotonina sem associação a uma causa externa. Inúmeros estudos relacionam a diminuição da serotonina (neurotransmissor responsável pela condução dos impulsos nervosos em nosso cérebro) ao suicídio, embora a relação causa/efeito não tenha sido efetivamente comprovada.

É importante notar que a tristeza endógena não é modificável de forma voluntária, ou seja, por um “esforço” pessoal do acometido, nem tampouco por terapêuticas clínicas, apenas. Sendo

⁷ Alguns fatores que contribuem para a *subdiagnóstico* e o *subtratamento* da depressão:

1- Ênfase nos sintomas somáticos em detrimento das queixas cognitivas e afetivas. 2- Relutância em estigmatizar um paciente com um diagnóstico psiquiátrico. 3- Sintomas de depressão muito leves ou pouco específicos. 4- Medo dos efeitos colaterais dos antidepressivos. 5- Noção equivocada de que “depressões reativas” (exógenas) não são patológicas, os sintomas de depressão são “reações normais” à condição médica. 6- Falta de tempo para uma abordagem psiquiátrica, ou falta de treinamento para tal. Adaptado e modificado de Rouchell et al., 2002 e de Fráguas Jr e Figueiró, 2001 in: “Depressão e Comorbidades Clínicas”. Revista de Psiquiatria Clínica, 32 (3), 2005. Todos esses fatores apontam para uma resistência (ou negação) pessoal do profissional de saúde em lidar com o paciente psiquiátrico.

assim, uma vez identificada a desordem química (com ou sem gatilhos externos associados), tal enfermidade só conseguirá ser combatida com fármacos para reequilibrar os neurotransmissores que estão em desalinho.

Antidepressivos e ansiolíticos como a fluoxetina costumam trazer respostas positivas a pacientes com os níveis de serotonina baixos, desde que o diagnóstico diferencial afaste os casos de psicoses associadas.

A depressão exógena (ou depressão neurótica, ou reativa), por sua vez, depende das circunstâncias de vida que afetam a pessoa que desenvolve este quadro. Ela passa necessariamente por gatilhos disparados por eventos externos tais como: uma morte repentina de um ente querido; a perda do emprego; sobrecarga massiva de tarefas; distorções da autoimagem; entre muitos outros exemplos particulares.

Como vimos na nota de rodapé nº8, tanto o senso comum como o próprio corpo clínico tende a negá-la enquanto patologia, muitas vezes minimizando seus sinais, naturalizando-os, para evitar constituir um tratamento propriamente dito, como se ela fosse menos importante, ou mesmo não existisse como tal.

Dito isto, passamos ao pensamento da depressão sob a ótica analítica e filosófica. Neste escopo verifica-se muitas vezes uma tendência do paciente depressivo exógeno (reativo) em construir um *palácio de cristais* que lhe sirva de refúgio (a partir de idealizações diversas) para uma espécie de evitação aos gatilhos causadores de suas angústias, portanto, um mecanismo de defesa que, se protege de uma queda abrupta, acaba enraizando-o em fantasias que lhe custarão um alto preço. Tais idealizações o levam a avaliar a vida a partir de juízos de valor preexistentes.

Então, tudo aquilo que tiver *mérito* para estar em seu 'palácio de cristal', por lá estará supostamente resguardado dos riscos do mundo real. Enquanto essa fantasia mental se mantiver intangível, tudo caminhará aparentemente bem. Mas um leve estalar desse cristal poderá abalar toda sua estrutura. Se algum fator externo levar o indivíduo a se sentir incapaz de ele mesmo entrar em seu *castelo*

8 Suposto lugar da perfeição. Alusão a DOSTOIEVSKI F. *Memórias do Subsolo*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

ideal, então, possivelmente cederá à queda. A irrupção do real sendo mais decisiva do que qualquer edificação feita na areia.

Então, a pessoa deprime porque não está conseguindo se expressar (nem muito menos expressar os seus medos fundamentais). Desta forma, encastela-se em seu mundo ‘perfeito’, onde a depressão, silenciosamente, tende a se agravar, usualmente a partir de pensamentos metafísicos, como achar, por exemplo, que Deus o protegerá sempre de todo infortúnio.

Na medida em que recorre a Deus, é porque sente o perigo iminente de tudo ruir. Neste sentido, pode-se dizer que o pensamento metafísico tende a agravar o estado depressivo exógeno, na medida em que eventos externos reais forem suficientemente capazes de fazer ruir seu castelo de areia edificado como negação da realidade.

Nesta esteira, André Martins reafirma a posição da *imanência* como uma categoria filosófica que não apenas faz oposição à metafísica, como serve de dispositivo de luta contra as idealizações de toda espécie:

“Se sintetizarmos em uma palavra aquilo a que se refere a grande identidade [Spinoza-Nietzsche] de que fala Deleuze (...) certamente poderemos dizer que se trata da *imanência*, em oposição a todo tipo de idealização, mas sobretudo à idealização ou aos idealismos surgidos, alimentados ou mediados por teorias metafísicas, sem ligação com o real, por doutrinas que buscam explicar o real por intermédio teorias ou conceitos que dele se dissociam.”⁹ (MARTINS, 2018, p.111).

Entretanto, entendemos que não existe fórmula mágica para evitar o inefável. É o próprio indivíduo o construtor do seu castelo imaginário como também o responsável por sua ruína. Eventos externos, com ou sem agravos metafísicos, são apenas gatilhos disparadores do desterro. Achar que a fórmula ‘afirmação do trágico’ (a partir de uma aceção nietzschiana de afirmação da vida) é

⁹ MARTINS, André. *A grande identidade Spinoza-Winnicott Ou a força vital da imanência*. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v. 11, nº 1, p. 109-139, 2018.

suficiente para superar o sofrimento da depressão é subestimar o *rasgo* fundamental que subsiste na estrutura depressiva, antes até mesmo de levá-lo a formatar suas edificações fantasiosas. Adotar como crença tal estratégia enquanto perspectiva positiva/afirmativa ao enfermo é fazer uma espécie de ‘filosofia analítica’, onde mistura-se teoria psicanalítica com filosofia da imanência, aplicando-a no consultório (ou em salas de aula) como ‘psicologia do ego’.¹⁰

Evidentemente nada é tão simples assim. Até porque é preciso fechar o diagnóstico da depressão a partir do ‘diagnóstico diferencial’ (para afastar a hipótese de outros acometimentos associados), pois, caso ela seja endógena, com uma desordem química (de origem desconhecida), nenhuma terapia de self, ou ‘afirmação da vida’ em sua dor e sofrimento (filosofia da imanência), vai efetivamente devolver à vida quem dela parece ter desistido. O diagnóstico preciso e a ação farmacológica nestes casos é vital para o paciente reencontrar o equilíbrio. O suporte terapêutico *a posteriori* poderá ser um bom ponto de apoio para o indivíduo afastar-se da tentação de re-construir novos ‘palácios de cristais’ para fugir da realidade e se refugiar no pensamento imaginário (por idealização metafísica), mas cada caso tem de ser amplamente investigado (e de forma continuada).

Por mais que episódios depressivos sejam cada vez mais comuns e recorrentes, é bom não cairmos nas armadilhas do senso comum que tende a enxergar todo estado de tristeza como depressão. Na própria clínica o diagnóstico é ainda um grande desafio, mas em geral, as dores e os sofrimentos que afetam as relações sociais e profissionais de forma contundente, aquelas que alteram o sono e o apetite (para muito mais ou para muito menos), devem ter a atenção acurada do profissional que assinará o diagnóstico, levando em conta os limites da ação que terá com o paciente. Ninguém é absoluto, nem mesmo a doença é absoluta, por mais ideias suicidas que ela suscite ao seu portador.

¹⁰ Escola freudiana americana que privilegia equivocadamente as noções do “eu” (self) em detrimento das formações do inconsciente. Tudo que seus criadores pretendem é produzir uma adaptação do sujeito à sociedade usando a fórmula *consciente para consciente*, ou seja, fala-se e espera-se que o indivíduo modifique seu padrão de comportamento através da sugestão.

Então, se no primeiro sentido da imaginação em Spinoza (até a proposição 40), a pessoa tende a um apego demasiado a uma verdade (e faz dela algo absoluto em sua vida), isso que irá decerto atrapalhar seus caminhos, ela o faz por um pensamento imaginário. Suas construções fantasiosas são todas governadas por essa metafísica de costumes e a conta não tardará a chegar à pessoa que se estabeleceu a partir dessas armadilhas criadas para si mesma.

Entretanto, a boa intenção de combater o bom combate em favor de uma aceitação/afirmação da potência da vida no presente (abrindo mão de um futuro idealizado) poderá levar a pessoa com depressão a vivenciar uma expressão da própria potência. Correto, mas não se pode afirmar que este é o ‘remédio’ inequívoco para todas as modalidades de depressão.

Se se constituir a partir desta premissa (no combate contra as idealizações e os agravos metafísicos) é um aporte que pode dar ao sujeito instrumentos para operar melhor o seu sofrimento, contudo, é preciso perguntar que, uma vez ‘retirada’ a idealização do seu campo de atuação: o que virá em seu lugar? Um outro mundo perfeito com a ‘promessa’ de depressão nunca mais?

Recordemos a precisão cirúrgica de Clarice Lispector num recorte perfeitamente compatível ao assunto que estamos tratando:

“Não pense que a pessoa tem tanta força assim a ponto de levar qualquer espécie de vida e continuar a mesma. Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso – nunca se sabe qual é o defeito que sustenta o nosso edifício inteiro”¹¹ (LISPECTOR, 2013, p.142).

Portanto, operar a retirada deste ‘defeito’ pode resultar em efeitos inesperados ao indivíduo acometido de depressão. É preciso ter cuidado no trato, caso contrário, no afã de querer “salvar” o enfermo, (ou de lançar palavras bonitas ao vento) pode-se acabar por precipitá-lo ao fim. Então, perguntamos: será possível se constituir de forma saudável no mundo sem um mínimo resquício de idealização, ou

¹¹ Parte XIII *Correspondências* em LISPECTOR, Clarice. *As Palavras*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2013.

mesmo de ilusão?¹² Quem tem a pretensão ‘asséptica’ de saúde e bem-estar total consegue sustentar esse estado (ideal) por quanto tempo?

Não pretendemos *resolver* as contradições, mas é preciso aproximar ao máximo a palavra falada do sentido que ela representa.

Outra coisa diferente é ser comandado por elas (idealização/ilusão) e viver em função do pensamento metafísico, anulando o presente (e a realidade), por medo do seu *rasgo* fundamental abrir-se sob seus pés. Não é nada disso. De fato, o não enfrentamento dessas questões muitas vezes intensifica os sintomas depressivos de origem exógena, mas admitamos que não existe uma fórmula por si capaz de estancar os sintomas em todos os casos e garantir que o estado de desesperança não leve o depressivo a ideações suicidas, mesmo porque trata-se de uma enfermidade difusa, repletas de especificidades e comorbidades associadas, para a qual a psiquiatria não encontra soluções definitivas.

Em suma, avançando um pouco nessa hipótese, considerando a idealização como possuidora de gradações de intensidades variadas (podendo ou não ser gatilho para o surgimento da depressão), pode-se aferir que talvez não seja possível viver isento das formulações metafísicas de todo, como talvez não seja possível viver isento dos adoecimentos de ordens múltiplas, num todo.

Desta feita, haveria tão somente gradações que variariam em maior ou em menor escala, dependendo do estímulo que afete a lembrança dolorosa deste corpo marcado. Em outras palavras, ninguém seria totalmente saudável ou estaria absolutamente imune ao ‘veneno’ das idealizações de toda ordem. Estas, sabemos, pululam a todo instante, por exemplo, em estímulos visuais convidando/capturando o consumidor de imagens/produtos e prometendo uma *felicidade* irrestrita (que jamais será cumprida).

Mesmo assim não há frustração suficiente (ao consumidor) que barre em definitivo esta captura, ao contrário, é a partir dela mesma (frustração) que o desejo de consumir se intensifica e se torna um ciclo vicioso, muitas vezes geradores ou intensificadores da depressão reativa (exógena). A propósito, quem neste mundo contemporâneo, consumidor ávido de imagens/produtos não é, ao

¹² *A ilusão é preciso. Uma de cada vez* (p.89) em FARIAS, I.S. *Falas e Falhas – interstícios da poética do desejo*. São João del Rei. Fundação Tiradentes: Editora UEL, 1997.

mesmo tempo que consome, consumido pelas imagens/produtos que lhe afetam?

Nesta esteira, Nietzsche nos traz uma contribuição igualmente cirúrgica quando diz: “Quem combate monstruosidades deve cuidar para que não se torne um monstro. E se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha dentro de você”¹³.

Podemos parafraseá-lo e dizer: ‘quando você olha para o produto/imagem, eles também olham para você’ (te *sugando* para dentro). A relação especular aqui é antes *Alice através do espelho*¹⁴ do que metáfora paterna no *estádio do espelho* em Lacan (que se presentifica no reflexo do sujeito com o seu *rasgo próprio*)¹⁵.

Não há temores em pouco saber/entender acerca da dimensão do sonho ou do sonhar acordado. A realidade nunca esteve fora do registro onírico. Ao menos quando diante do espelho se vê tudo invertido – como Alice.

Partindo desse pressuposto talvez possamos afirmar que não há saúde liberta dos ‘monstros’ que habitam o mundo (o seu *infinito particular*¹⁶), como não há adoecimento (depressão) que não aponte/sinalize para além do seu infinito particular. Muitas vezes o adoecer se expressa num arrefecimento da potência como ‘recado’ ao ambiente circundante.

A enfermidade de um é sempre do indivíduo, mas, muitas vezes, além de ser dele, é também de todo mundo (circundante); as pessoas que o circundam são depositárias das próprias mazelas sobre este indivíduo, que é mais receptivo a ocupar este lugar de depósito,

¹³ Capítulo quarto, aforismo 146, p. 79 de NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992. Tradução Paulo César de Souza.

¹⁴ Carroll, Lewis. *Alice: Aventuras de Alice no país das maravilhas; Alice através do Espelho; E o que a Alice encontrou por lá*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. Coleção Clássicos Zahar.

¹⁵ DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. O autor relembra a passagem lacaniana onde a criança, na fase do estádio do espelho, faz a conquista da imagem do seu próprio corpo estruturando o seu “eu” ao terminar com a vivência psíquica do chamado “fantasma do corpo esfacelado”.

¹⁶ Alusão a canção-poema de Marisa Monte *Infinito Particular*, 2006, em que ela convoca um personagem a não ter medo de entrar em sua vida: *Só não se perca ao entrar / No meu infinito particular (...)*.

em geral, pela fragilidade que o compõe. Fragilidade típica do *bode expiatório*.¹⁷

E, diga-se, fragilidade nada tem a ver com fraqueza, muito pelo contrário. Fraco é aquele que despeja no outro as mazelas que recusa ver em si mesmo.

3 – Considerações finais

Em suma, podemos dizer que, de alguma forma, todos (uns mais, outros menos) estamos sob o jugo das afetações (idealizações) por toda parte. Tanto positivamente como negativamente. Tanto pelos estímulos de fora como das formulações internas (via inconsciente).

Neste sentido, a 'fórmula' da afirmação da vida em seu mais doloroso instante (*amor fati*)¹⁸, como combate às formulações metafísicas (estas que acabam muitas vezes a empurrar o indivíduo deprimido ao desterro), quando tornada 'remédio', formulação-fim, acaba sendo um verniz para dourar a narrativa, muitas vezes sem nenhuma substância real, tamanho o distanciamento entre o que se prega e o que se faz. Acaba causando o esvaziamento de toda a potência que se faz ode por sentir-se obrigado a combater o estado depressivo em nome de uma adaptação operacional ao mundo nos moldes de uma *psicologia do self*.

Além do que não há força de realização real alguma ao se 'receitar' tal sentença filosófica aos enfermos de depressão (ou aos aprendizes do mantra filosófico) para além de uma retórica adaptada ao contexto que parece servir muito mais para estabelecer identificações, entre outras relações de amor transferencial, do que fazer valer na carne das palavras, nas veias abertas (daqueles que

¹⁷ Enrique Pichon-Rivière desenvolveu a técnica chamada Grupo Operativo a partir da teoria psicanalítica voltada para formações grupais. Conceitos como *depositário/depositante*, *vínculos e papéis* presentes dentro dos agrupamentos, entre eles, o *bode expiatório*, no que muitas vezes a família disfuncional elege inconscientemente um de seus membros para depositar neste elemento aquilo que recusa/nega ver nela mesma. Então, em geral, o mais frágil entre todos acaba ocupando este lugar de depósito dos restos.

¹⁸ NIETZSCHE. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. *Amor fati* [amor ao destino] representa a plena aceitação da imanência: *Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas* 276. *Não meramente suportar o necessário (...), mas amá-lo. Ecce Homo*.

escrevem com sangue¹⁹) a leveza da razão spinoziana e a força dionisíaca do martelo nietzschiano.

Que se diga novamente: depressão alguma recrudescer com 'terapêuticas do ego'. Estas que servem para promover razões (a quem?) a partir do *discurso do mestre*.²⁰ Isso seria desconhecer que as feridas abertas do íntimo silêncio (depressão) habitam, na verdade, n'outro registro. Portanto, a proposta reconfortante para ressignificar no presente (no instante, ou no agora) as projeções imaginárias de um futuro sempre incerto soariam como um canto (salvador) da sereia, ao levar os adeptos dessa ideia a pensar estarem "curados" (ou imunes) das idealizações de toda sorte. Isso não existe.

Ninguém em tempo algum está a salvo dos *germes* que compõem o mundo. Por sinal, foi a partir deles que tudo que conhecemos como vida ganhou forma e se expandiu pela Terra.

4 – Referências bibliográficas

BARATTO, G. AGUIAR, F. **A Psicologia do Ego e a Psicanálise Freudiana: das diferenças teóricas fundamentais.** *Revista de Filosofia: Aurora*. Paraná, v. 19, n. 25, p. 307-331, jul./dez. 2007.

CARROLL, Lewis. **Alice: Aventuras de Alice no país das maravilhas; Alice através do Espelho; E o que a Alice encontrou por lá.** Rio de Janeiro: Zahar. Coleção Clássicos Zahar, 2010.

COSER, O. **Depressão: clínica, crítica e ética** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 170 p. Coleção Loucura & Civilização. ISBN: 85-7541-030-X. Available from SciELO Books, 2003.

¹⁹ *De tudo escrito, amo apenas o que se escreve com o próprio sangue.* "Do ler e escrever". *Zarathustra*.

²⁰ O discurso, segundo Lacan no Seminário "O Aveso da Psicanálise". Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1992, é um dispositivo de linguagem que nos permite fazer laços sociais. Seriam quatro os discursos primordiais: mestre, universitário, analista e histérica. O discurso do mestre se caracterizaria por ditar a lei/saber cujo mestre (castrado) dirige-se ao escravo para que reproduza o seu saber total sem questionamentos. No entanto, o 'detentor' do saber (real) é o escravo que recebe essa incumbência como gozo.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. (4ª edição). São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

DEL PORTO, José Alberto. **Conceito e diagnóstico**. *Rev. Bras. Psiquiatria*, São Paulo, v. 21, supl. 1, p. 06-11, maio 1999.

DOR, Joël. **Introdução à Leitura de Lacan – o inconsciente estruturado como linguagem**. 3ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo**. (6ª edição). Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

FARIAS, Irlan Soares. **Falas e Falhas: interstícios da poética do desejo**. São João del Rei. Fundação Tiradentes: Editora UEL, 1997.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos – Vol. IV**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 17: O Averso da Psicanálise 1969-1970**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992.

LISPECTOR, Clarice. **As Palavras**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2013.

MARTINS, André. **A grande identidade Spinoza-Winnicott: Ou a força vital da imanência**. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, Rio de Janeiro, v. 11, nº 1, p. 109-139, maio 2018.

NIETZSCHE, Friederich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. **Ecce Homo**. (2ª edição). São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

PICHON-RIVIÈRE, Henrique. **O Processo Grupal**. (6ª edição). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RIBEIRO, M.R. BARBOSA, A.R.L. **Discurso do mestre na educação contemporânea**. <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0859.pdf> ISSN 1646 6977, 2015.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. (2ª edição) Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
_____. **Tratado da Reforma da Inteligência**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Teng, C.T.; Humes, E.C.; Demetrio, F.N. **Depressão e Comorbidades Clínicas**. *Revista Psiquiatria Clínica*. São Paulo, v. 32 (3); p. 149-159, maio/junho 2005.

Recebido em: 06/06/2019

Aprovado em: 17/08/2019